

Ellen Crista da Silva

A variação na ditongação da nasal 'ãõ' para 'õN' na fala dos
descendentes de alemães em Blumenau/SC

Monografia de conclusão da
disciplina 'Fonologia' do curso
de Mestrado da Pós-Graduação
em Lingüística da UFSC.

2004

Índice

1. Introdução

1.1 Objetivos

1.1.1 Objetivos específicos

1.2 Justificativa

1.3 Metodologia

2. Fundamentação Teórica sobre as Vogais

2.1 A Nasalização

2.2 A nasal na língua portuguesa

2.2.1 Ditongos Decrescentes Nasais

2.2.2 Traços Distintivos

2.3 Vogal nasal na língua alemã

3. *Corpus* realizado com entrevistas de Blumenau/SC

4. Considerações finais

5. Referências Bibliográficas

6. Anexos

**“A leitura do mundo precede a
leitura da palavra.”**

(Paulo Freire)

1. Introdução

Gostaria de apresentar, como introdução aos trabalhos que correspondem a Monografia da disciplina de Fonologia, e cuja base fonológica contribuiu para a Monografia da disciplina de Sociolinguística deste Mestrado, uma história ocorrida há pelo menos quarenta anos, numa cidade próxima de Florianópolis e com raízes estrangeiras, ou seja, uma estória que se passou na cidade de Blumenau, cujas origens são tipicamente germânicas:

No seio de uma família com mãe de origem polonesa e o pai de descendência alemã nasceu um casal de filhos. Como era costume entre as famílias de descendência germânica, essas duas crianças aprenderam a falar a língua alemã desde suas primeiras manifestações. O contato com a língua portuguesa também acontecia, principalmente quando das brincadeiras e folguedos com as crianças da vizinhança, que eram na sua maioria de origem brasileira e, mais tarde, aos sete anos, quando do ingresso na escola. Ambas tinham tez branca, cabelos loiros e olhos azuis, características marcantes na região sul do Brasil para descendentes de imigrantes europeus.

Sabe-se da história do Brasil que, após a segunda guerra mundial houve um período de ‘nacionalização’ que foi marcado pela repentina interrupção do ensino de línguas estrangeiras nas escolas e pelas perseguições a muitos estrangeiros, principalmente alemães. Criou-se, assim, um clima de desconforto entre os descendentes e demais falantes de língua alemã, devido inclusive a preconceitos que essas pessoas passaram a enfrentar por parte da população nativa e mais antiga. As duas crianças mencionadas nesta estória conviveram por todo seu período escolar, tanto no Ensino Fundamental quanto no Ensino Médio, com a experiência de sentir na pele a marginalização e os preconceitos vigentes, sem lhe entenderem ao certo as razões. Os motivos foram conhecidos anos mais tarde, quando a situação de ‘nacionalização’ foi abordada na Universidade, em seminários, reuniões familiares e outros momentos que propiciaram ocasião para debate. E principalmente, após a queda do Muro de Berlim, como que se lhe tivessem caído barreiras também, até então invisíveis. E um novo período iniciou-se na vida daquelas duas crianças, agora já adultas.

Diante dessa nova situação gerou-se um sentimento de respeito a esses descendentes que passaram por tais momentos de *silenciamento lingüístico*. Muitas vezes essas pessoas eram também marcadas por aspectos aparentemente pequenos, como uma variação fonológica em algum fonema ou alguma sílaba apresentando dificuldades na sua pronúncia e de aprendizado da nova língua – no caso o português. Tem-se como exemplo, o uso de vogais nasais que ocorrem na língua portuguesa e que inexitem na língua alemã, gerando dificuldades por vezes intransponíveis por parte dos falantes de origem e descendência estrangeira.

O ser humano é dotado de um aparelho fonador maravilhoso, capaz de expansão e inclusão de novos fonemas e sons, mas nem sempre alcançados por muitos, o que também

é, muitas vezes, um elemento de discriminação entre os seres humanos. É comum ouvir-se dizer ‘ele fala errado’, quando na verdade está se utilizando de uma variação fonético-lingüística.

Há que se considerar o esforço desses homens que singraram mares para iniciar uma nova vida e uma nova civilização, da qual hoje nós somos descendência. Há que se valorizar o esforço desses homens em aprender uma nova língua sem se descuidarem em transmitir a língua do novo país –o português- aos filhos. Há que se respeitar os limites alcançados por cada um, seja em conhecimentos, seja em competência lingüística, limites estes passíveis de se fazerem presentes na vida de qualquer ser humano.

Com esta história, da qual fui uma das crianças, intento trazer um estudo a respeito de variação da ditongação da nasal “ão” e “oN” presente em muitos falantes da língua alemã.

1.1 Objetivos

Como objetivo principal, segue uma abordagem constituída de resumos, análises, tabelas e figuras a respeito das vogais nasais, tanto da língua portuguesa quanto da língua alemã.

1.1.1 Objetivos específicos

A partir dessa abordagem a respeito das vogais nasais, pretendo realizar:

- uma fundamentação teórica das nasais na língua portuguesa
- uma fundamentação teórica das nasais na língua alemã
- uma apresentação de exemplos de variação de ‘ão’ para ‘oN’ entre falantes de descendência alemã na cidade de Blumenau/SC.

1.2 Justificativa

Justifica-se o presente estudo à variação presente entre os falantes de descendência e origem alemã, cujas dificuldades em produzir vogais nasais proporcionaram diferenciação fonológica desses ditongos.

1.3 Metodologia

O trabalho iniciou-se com uma coleta de material efetuada em entrevistas que são fornecidas pelo VARSUL, coletas essas pertinentes à essa Monografia e também à Monografia para a disciplina de Sociolingüística.

De posse do material coletado, verifiquei a incidência do ditongo em questão e iniciei pesquisa bibliográfica específica para este trabalho.

Assim, apresento um esboço quanto aos segmentos vocálicos e um estudo sobre Nasalização como elemento de variante vocálica, a presença das vogais nasais tanto na língua portuguesa quanto na alemã e exemplos coletados nas entrevistas.

2. Fundamentação Teórica sobre as Vogais

Devido a este trabalho se referir a um estudo que diz respeito a vogais, em particular à ditongação “ão”, necessário se faz uma sucinta introdução sobre o tema “vogais” e a conseqüente “nasalização”.

Com referência às vogais, Souza & Santos (2003) explicam que elas são caracterizadas pela passagem relativamente mais livre do ar e por isso não se pode classificá-las por ponto e modo de articulação, ou seja, o local onde o ar é obstruído e a maneira como ele o é. Os sons vocálicos são produzidos por uma corrente de ar pulmonar egressiva que faz vibrar as cordas vocais normalmente. O que varia nos sons vocálicos é a forma e o tamanho do trato vocal.

T. C. Silva (1999), p. 66, faz a seguinte “descrição dos segmentos vocálicos: dentro dos parâmetros articulatórios relevantes da descrição dos segmentos vocálicos consta que um *segmento vocálico* produz-se por uma passagem da corrente de ar não interrompida na linha central, e portanto sem obstrução ou fricção no trato vocal.

Segmentos vocálicos são descritos levando-se em conta os seguintes aspectos:

- posição da língua em termos de altura;
- posição da língua em termos anterior ou posterior e
- posição da língua em termos de arredondamento ou não arredondamento dos lábios.

Souza & Santos (2003) complementam com a seguinte descrição a respeito da altura que a língua ocupa no trato vocal durante a produção de um som:

- a. **alto**: são os sons em que a língua está mais alta e, portanto, o trato vocal está mais fechado para o escape do ar. Por isso esses sons são também conhecidos como fechados. São exemplos: *chita* e *chuta*.
- b. **médio-alto**: também conhecido como meio-fechado. É o caso dos primeiros sons vocálicos de *pêra* e *poço*.
- c. **médio-baixo**: É também conhecido como meio-aberto e apresenta-se nos primeiros sons vocálicos de *peça* e *posso*.
- d. **baixo**: é o maior grau de abertura vertical, em que a língua se encontra mais baixa. É também conhecido como aberto. Temos o exemplo do primeiro som vocálico de *casa*.

Mas, conforme nos informa Souza & Santos mais adiante, apenas a altura da língua não é suficiente para a classificação dos sons vocálicos, pois eles não distinguem as vogais [i] e [u], por exemplo, ambas altas. Há sim, duas diferenças entre eles: a posição da língua e o arredondamento dos lábios. Assim, segundo os autores, a posição da língua é conhecida como o eixo horizontal da área vocálica, pois diz respeito à movimentação da língua para frente (anterior) ou para trás (posterior), alterando, desse modo, a cavidade oral. E apresentam então, três posições da língua:

- a. **anterior**: a língua está projetada em direção dos lábios. Exemplos: *casa*, *café*, *teste*.
- b. **central**: a língua está em posição neutra, nem projetada para frente, nem retraída. Exemplo: a primeira vogal de *cama*.
- c. **posterior**: a língua está mais ‘retraída’, em direção à faringe. Exemplos: os primeiros sons vocálicos de *posso*, *poço* e *tu*.

Quanto ao arredondamento dos lábios, os autores informam duas formas de protusão labial:

- a. **arredondado**: por exemplo, os sons vocálicos em *ovo*, *urso* e *mostro*.
- b. **não-arredondado**: por exemplo, os sons vocálicos em *Ivete* e *Eva*.

2.1 A Nasalização

Após esta breve introdução a respeito das vogais, passo então a um estudo mais detalhado sobre a “nasalização” propriamente dita.

A *nasalização* é um elemento de articulações secundárias dos segmentos vocálicos e T.C. Silva (1999) afirma que, para discutir a respeito de algumas propriedades articulatórias, tais como Duração, Desvozeamento, Nasalização e Tensão, toma-se como referência os trabalhos de Abercrombie(1967) e Cagliari (1981).

Quanto à *nasalização*, a articulação de uma vogal ocorre com o abaixamento do véu palatino e com parte do fluxo de ar penetrando na cavidade nasal e sendo então expelido pelas narinas. Desse modo acontece uma qualidade vocálica que é denominada *nasalizada*. (Para complementar este assunto, apresento no final deste trabalho, no Apêndice, figuras correspondentes às posições da língua para as vogais).

O símbolo para marcar a nasalização será um til, isto é [~], colocado acima do segmento vocálico. Vale ressaltar que a nasalidade (causada pelo abaixamento do véu palatino) e a altura da língua na articulação das vogais estão intimamente relacionadas. Assim, uma vogal que seja articulada com a língua na posição mais abaixada possível – como **a** – necessita de um abaixamento relativamente grande do véu palatino para que seja percebida como nasalizada.

Em outras palavras, R.C.P. da Silveira (1982) comenta que, os sons vocálicos diferenciam-se dos orais pela presença de uma terceira caixa de ressonância: a nasal. Explica ela, em palavras diferenciadas de T.C. Silva (1999) que, articulatoriamente a úvula está abaixada, dando passagem à corrente de ar pela cavidade rino-faríngea.

Voltando um pouco à questão inicial das propriedades articulatórias, as vogais podem ter *duração longa*, *duração média* ou *duração breve*. Em algumas línguas a duração é extremamente importante na produção dos segmentos vocálicos, mas este não é o caso da língua portuguesa.

Quanto ao *vozeamento*, normalmente os segmentos vocálicos são vozeados e esta propriedade é marcada pela vibração das cordas vocais enquanto da sua produção. Entretanto, há segmentos que podem ser produzidos com a propriedade articulatória secundária de *desvozeamento*, isto é, não ocorre vibração das cordas vocais.

E, finalmente, a *tensão* é a última propriedade articulatória e é denotada pelos segmentos tensos em oposição aos segmentos frouxos (ou lax), em que há um maior ou menor esforço muscular. Temos assim que, um segmento como [ĩ] é classificado como ‘vogal alta anterior não-arredondada nasal’. As vogais nasais [ẽ, õ] são classificadas como ‘vogal média anterior (ou posterior) nasal’, segundo T. C. Silva (1999).

2.2 Vogal nasal na língua portuguesa

O presente trabalho visa abranger dados pertinentes à presença ou não de nasalização na língua alemã. Por isso importa ressaltar aspectos da vogal na língua Portuguesa, o que é feito a seguir.

Joaquim Mattoso Câmara Jr. (1997) apresenta em seu estudo a seguinte explicação: a língua portuguesa se caracteriza, entre as línguas românicas, por uma emissão nasal para as vogais muitas vezes. O mesmo fato se apresenta em francês, mas em condições fonológicas um tanto diversas. Nas demais línguas românicas o que a fonética apurada registra é uma leve nasalização de uma vogal em contato com uma consoante nasal da sílaba seguinte, no mesmo vocábulo. Não há equivalência entre as duas emissões nasais. O segundo tipo de nasalidade não funciona para distinguir formas e não é, portanto, de natureza fonológica.

E mais adiante o autor esclarece: o meu ponto de vista, já antigo (que ainda não foi aceito pacificamente) é que se deve procurar esse traço distintivo na constituição da sílaba. Em outros termos, *a vogal nasal fica entendida como um grupo de dois fonemas que se combinam na sílaba: vogal e elemento nasal*. Dentro dessa interpretação, a vogal nasal portuguesa vai figurar na descrição das sílabas, como se deve fazer para o ditongo, os grupos de consoantes e os grupos de vogal e consoante.

Segundo Souza & Santos, a *nasalização* é um tipo de processo bastante comum no português e quase toda vogal tônica que precede consoante nasal se nasaliza. Assim, palavras como *cama*, *tema*, *time*, *dono*, e *rumo* apresentam a vogal da sílaba tônica nasalizada. Nas sílabas pré-tônicas há variação, pois algumas pessoas nasalizam a vogal da sílaba inicial de *panela* e outras não. É obrigatória a nasalização regressiva se a sílaba anterior for tônica, mas é opcional se for átona: ex: [ba'nẽ.ne], [bẽ.'nẽ.ne]. Em suma, a prosódia também influencia diretamente o processo.

R.C.P. da Silveira (1982) traz a seguinte conclusão: as análises dos sons vocálicos permitiram as seguintes observações quanto ao acento:

- as vogais nasais acentuadas tônicas dependendo de serem oxítonas ditongam-se:

/ê/ - [ẽy] [tẽy, tãbẽy, nĩgẽy]

/õ/ - [õw] [bõw. Batõw, massõw]

- as vogais nasais acentuadas tônicas se forem paroxítonas ou proparoxítonas ora ditongam-se, ora não:

/ê/ - [ẽ, ẽy] [mẽta] [mẽyta] [tẽpera] [tẽypera]

/õ/ - [õ, õw] [tõba] [tõwba] [gõdola] [gõwdola]

- as vogais acentuadas não-tônicas podem ser atualizadas por uma série de variantes livres ou combinatórias:

/ã/ - [ímã, falarãw, falarũ]

/ê/ - [garazẽy] garaze, garazi]

/õ/ - [õwtadu, mûtadu]

Nos exemplos acima citados, a nasalização ocorre sempre com a vogal acompanhada de uma consoante nasal, ou seja, o ‘n’ ou o ‘m’.

É interessante de se observar que as nasais ‘ã’ e ‘õ’ não faz parte da análise da autora quando ditongadas, isto é, acompanhadas das vogais ‘e’ ou ‘o’, como no exemplo da própria palavra ditongação, mães, corações, pão, etc. Esse assunto será retomado mais adiante, com base nos estudos de T.C. Silva (1999) quando do estudo de Ditongos Decrescentes Nasais.

O triângulo vocálico nasal é descrito por 5 vogais, de acordo com R.C.P. da Silveira (1982). Em contrapartida, T.C. Silva (1999) traz a seguinte tabela de nasais: p. 91

	anterior arred não arred	central arred não arred	posterior arred não arred
alta	ĩ		ũ
média	ẽ		õ
baixa		ã	

Vale salientar a colocação de “ã” na tabela da autora, pois para a maioria dos autores o “ã” é considerado [+ post] e [+rec]. Observa-se ainda, na tabela acima, que [ẽ, õ] são classificadas como vogais médias nasais (sem distinção entre o grupo de vogais médias-alta [e, o] e o grupo de vogais médias-baixa [ɛ, ɔ]). Isto deve-se ao fato de que as línguas naturais não fazem diferenciação entre vogais nasais médias-altas e médias-baixas. Isto significa que [ẽ] e [ɛ] são equivalentes. O mesmo é válido para [õ] e [ɔ].

2.2.1 Ditongos Decrescentes Nasais

Após sucinta apreciação a respeito de vogais e nasalização, passo ao estudo a respeito de Ditongos Decrescentes Nasais, pois o mesmo vai ao encontro do objetivo proposto neste trabalho.

Um *ditongo* consiste de uma seqüência de segmentos vocálicos sendo que um dos segmentos é interpretado como vogal e o outro é interpretado como uma glide. Ditongos decrescentes consistem de uma seqüência de vogal-glide. O glide que ocorre na parte final do ditongo pode se iniciar em [I] ou [U]. Ditongos decrescentes em português podem ser *orais* ou *nasais*: ‘sei’ [‘sẽI] e ‘cem’ [‘sẽI]. Lista-se o grupo de ditongos decrescentes nasais em Português:

[ãI] mãe, câimbra	[oi] põe, lições
[ũI] muito, ruim	[ẽI] bem, item
[ãU] pão, órfão	

Os ditongos [ãI, õI, ũI] sempre ocorrem em sílabas tônicas (cfe. ‘mãe’, ‘põe’, ‘muito’). Os ditongos [ẽI] e [ãU] ocorrem em sílabas tônicas (cfe. ‘bem’ e ‘pão’) ou em sílabas átonas (cfe. ‘item’ e ‘órfão’).

Há, contudo, casos de ditongos decrescentes nasalizados no português. Estes casos marcam *variação dialetal*. De maneira similar à nasalidade de vogais, os ditongos decrescentes podem ser nasalizados quando ocorrem seguidos de consoante nasal:

“Ror[ãI]ma, p[ãI]neira”. E aqui ocorre uma primeira menção à uma variação lingüística com base num *dialeto* vigente na comunidade de fala.

2.2.2 Traços Distintivos

No estudo da Fonologia é importante ressaltar a existência de Traços Distintivos, indicando que um fonema pode ser [+nasal] ou [-nasal].

T.C. Silva (1999, 192) esclarece que:

“as diferenças e semelhanças sonoras entre as línguas naturais passam a ser compreendidas no gerativismo como a compartilhamento de um (ou mais) processos fonológicos. Para compreender a formalização das regras fonológicas, deve-se em primeiro lugar identificar e classificar os traços distintivos que estão presentes na representação segmental.”

Temos assim, o traço distintivo que é denominado **nasal** e que é descrito pela mesma autora como tendo as seguintes características, com base nos estudos de Chomsky & Halle: Nasal – um som é [+ nasal] quando é produzido com o abaixamento do véu palatino permitindo o escape do ar através do nariz. Um som é [- nasal] quando é produzido sem o abaixamento do véu palatino.

Ainda dando ênfase à questão de Traços Distintivos, L. Bisol (1999) 20 complementa o Traço Distintivo *Nasal* como sendo de *Abertura Secundária* dentro do que chama de *Traços de Cavidade*, de acordo com Chomsky & Halle.

2.3 Vogal nasal na língua alemã

De par do estudo feito sobre nasalização na língua portuguesa, início o estudo correspondente na língua alemã. De acordo com H.A. Welker (1998), os sons vocálicos da língua alemã são representados pelas seguintes letras: a, ä, e, i, o, ö, u, ü, y e é preciso distinguir características de quantidade (longas/breves) e de qualidade (abertas/fechadas). Via de regra, as vogais longas são ao mesmo tempo mais fechadas do que as breves. Assim, a língua alemã conta com os fonemas vocálicos do quadro abaixo, conforme apresenta Welker (1998). É necessário ressaltar, no entanto, que o quadro se mostrou deficiente por

não apresentar a ‘descrição fonológica’ das palavras e esta foi inserida com a ajuda de um dicionário da língua alemã:

fonema	na escrita	ex em alemão	desc. Fonológ.	ex em português
/a/	a	ab Nacht	[ap] [naxt]	fato
/a:/	a, ah, aa	Abend fahren Waage	[‘a:bnt] [‘fa:rən] [‘va:gə]	lado
/ɛ/	e, ä	Mensch ländlich	[mɛnʃ] [‘lɛntlɪç]	esta
/ɛ:/	ä, ah	Bär wählen	[bɛ:ɐ̯] [‘vɛ:lən]	quero
/θ:/	e, eh, ee	geben nehmen Tee	[‘ge:bn] [‘ne:mən] [te:]	ver
/θ/	e	Gebirge	[gə‘bɪrgə]	levando
/ɪ/	i	Bild	[bɪlt]	Milton
/i:/	i, ie, ieh, ih	Lid Lied Vieh Ihm	[li:t] [li:t] [fi:] [i:m]	clima
/ɔ/	o	noch	[nɔx]	avó
/o:/	o, oh, oo	oben ohne Boot	[‘o:bən] [‘o:nə] [bo:t]	lona, lodo
/œ/	ö	können	[['kœnən]	peur (francês)
/ø:/	ö, oh	Möbel dröhnen	[‘mø:bl] [‘drø:nən]	peu (francês)
/u/	u	bunt	[bunt]	uma
/u:/	u, uh	Blume	[‘blu:mə]	nu
/Y/	ü, y	dünn	[dYn]	

		Hypnose	[hYp'no:zə]	null (francês)
/y:/	ü, üh, y	üben	['y:bn]	
		früh	[fry:]	
		Psyche	['psy;çə]	nu (francês)

Há principalmente três ditongos em alemão:

/aʊ/	au, auh	blau rauh	[blaʊ]	pau
/aɛ/	ei, eih, ai	drei leicht Kaiser	[drai]	pai
	ey, ay	(em nomes próprios) Meyer, Bayern	['kajzə]	pai
/ɔø/	eu, äu	neu läuten	[nɔy] ['lɔytn]	dói

Ainda segundo o que esclarece H.A. Welker (1998), o mais importante neste contexto é ressaltar que **em alemão não há vogais nasais nem ditongos nasais**. Em empréstimos do francês, como *Restaurant*, *Chanson*, *Parfum* ou *Teint* imitam-se, com mais ou menos perfeição, as vogais nasais. De *Chanson*, por exemplo, ouve-se a pronúncia [ʃãsc] ou, de quem não estudou francês, [ʃãɲç].

Portanto, temos aí um caso particularmente interessante de vogais nasais e relevante, no que concerne ao estudo e compreensão do que ocorre com falantes de descendência e/ou origem germânica, quando da produção de sons que exigem nasalização. Não é por outro motivo, que tais falantes pronunciam ['poN] em vez de [pão], [korasoN] em vez de [coração]. Isso quando simplesmente não excluem o til [~] que caracteriza a nasalização, oferecendo à sua produção lingüística um outro som diferenciado, como por exemplo: mão ['maw] ou [mao] e caminhão [kami'jaw] ou [kamijao].

Para explicar melhor este aspecto, recorro à explicação de Silva (1999): Ditongos são geralmente tratados como uma seqüência de segmentos. Um dos segmentos da seqüência é interpretado como **vogal** e o outro é interpretado como “semivocóide, semicontóide, semivogal, vogal assilábica” ou de “**glide**”. Em português classificamos os glides como segmentos vocálicos. Um ditongo é uma vogal que apresenta mudanças de qualidade continuamente dentro de um percurso na área vocálica e pode ser descrito e identificado com referência ao segmento inicial e final do contínuo. Ao apresentarmos o ditongo [aɪ] da palavra “pais” estamos expressando que ocorre um movimento contínuo e gradual da língua entre duas posições articulatórias vocálicas: de [a] até [ɪ]. Em tal articulação, os dois segmentos [a] e [ɪ] ocupam uma única sílaba. Um destes segmentos é o núcleo da sílaba (no caso de “pais” o núcleo da sílaba é [a]). O outro segmento é

assilábico e corresponde ao glide. Colocamos o símbolo [̣] abaixo do glide para marcar a assilabidade (no caso de “pais” o glide é [ɪ̣]): [ˈpaɪ̣s].

O movimento articulatorio de um ditongo difere do movimento articulatorio de duas vogais em seqüência, sobretudo quanto ao tempo ocupado na estrutura silábica e quanto à mudança de qualidade vocálica. O par de palavras “pais” e “país” ilustra um ditongo – na primeira palavra – em oposição a uma seqüência de vogais – na segunda palavra. Durante a articulação de duas vogais em seqüência – como na palavra “país” – cada vogal ocorre em uma sílaba distinta e cada vogal apresenta qualidade vocálica específica. Neste caso dizemos que há um **hiato**. Já em ditongos – como na palavra “pais” – os segmentos vocálicos [a] e [ɪ] ocorrem na mesma sílaba e há uma mudança contínua e gradual entre as vogais em questão.

Portanto, um ditongo distingue-se de uma seqüência de vogais pelo fato do ditongo ocorrer em uma única sílaba enquanto que na seqüência de vogais cada vogal ocorre em sílaba diferente. As vogais que não ocupam o pico silábico nos ditongos – p.ex. o **i** de “pais” – são aquelas comumente referidas como “semivocóide, semicontóide, semivogal, vogal assilábica” que denominamos de “glide”.

Com isso, fica explicado o que acontece quando um falante da língua alemã e portuguesa se refere a “mão” pronunciando [ˈmaw] ou [mao], e então temos o “glide” no primeiro exemplo e um hiato no segundo exemplo.

3. *Corpus* realizado com entrevistas de Blumenau/SC

Com o intuito de demarcar a produção de nasalização diferenciada na ditongação de “ão” para “oN” entre falantes de língua alemã, foram analisadas 08 entrevistas de cidadãos residentes na cidade de Blumenau. Destes 08 entrevistados, 04 são do sexo feminino e 04 são do sexo masculino e estão incluídos na faixa etária de mais de 50 anos. O motivo de uma faixa etária tão elevada não é senão, por serem pessoas que se apresentam muito mais próximas da época da imigração e portanto mais próximos das dificuldades em se utilizar do aparelho fonador para reproduzir sons nasalizados. Entre os falantes de escolaridade colegial, ou seja, compatível ao nosso Ensino Médio, percebe-se um esmero acentuado por parte dos falantes em não pronunciar o ditongo “ão” por “oN”.

Temos a seguir, alguns exemplos de frases efetuadas por um dos entrevistados, de nome Arthur e registrado no Varsul como Informante SC BLU M G B 15:

1) *Estava sem dinheiro, o meu irmão me emprestou quinze mil réis na época, né?*(linha161)
oN

2) *E o meu irmão foi para o seu lado e ele disse pra mim: “Oh! Te vira aí.”* (linha 162)
oN

3) *Onde aprendi ler e escrever, em alemão naturalmente.* (linha 200)
oN

4) *Só me lembro que estava todo mundo sentado aí na mesa pra refeição, né?* (linha 208)
oN

5) *Arrumamos toalha e de repente eu caio e daí veio tudo pra baixo, fiquei com a toalha na mão.* (linha 217)

oN

6) *Daí então, ia, tu vê, era mais o ...* (linha 268)

oN

7) *Alemão era: Schnapsstrasse.* (linha 272)

oN

8) *Tinha essa cerca, tinha as vezes um moirão oco, então tinha ninho lá dentro,*

oN

ninho de tico-tico ou pardal. (linha 292)

9) *Então ele tinha que comer aquilo.* (linha 296)

oN

10) *Ou então, tinha essas emba2,úbas, é uma arvorezinha assim, né?* (linha 299)

oN

11) *Então, nós obrigávamos esse rapaz, esse Félix aí, a subir nessas arvorezinhas.*

oN

(linha 305)

12) *De minha parte, eu não quero me elogiar ou defender sem razão.* (linha 322)

oN

13) *Mas isso não partia da minha cabeça, não.* (linha 324)

oN

oN

14) *Mas não pra; não em grande escala, né?* (linha 332)

oN

oN

Para esta coleta de dados foram escolhidas apenas frases em que o falante realizou a variação de “ão” para “oN” e isto é perceptível nas palavras em que o ditongo é sublinhado e marcado em uma linha abaixo por ‘oN’. A realização de tal variação não ocorre em todas as palavras com ‘ão’, mas em apenas algumas, como mostram os dados. O sujeito desta entrevista, em quinze minutos de conversa coletados realizou 25 “oN” em contraposição a 36 realizações de nasais “ão”. Este é um número significativo, pois corresponde a quase 69,4% de realização.

4. Considerações finais

Conforme exposto na ‘Justificativa’, o estudo ora realizado visa a variação lingüística presente entre os falantes de origem e descendência alemãs e que apresentam dificuldades em produzir vogais nasais proporcionando diferenciação fonológica dos ditongos. Cagliari (2002) afirma que:

Assim como se separa uma língua como o Português de outras próximas, como o espanhol, o francês, o italiano etc., do mesmo modo, devemos separar dentro da Língua Portuguesa aquelas facções da língua que constituem por si um todo orgânico, com uma identidade lingüística particular. Consegue-se isto com relativa facilidade quando se trabalha com dados reais, obtidos diretamente dos falantes. Ao analisar a fala de uma pessoa, obtêm-se uma representação da língua bem definida, embora restrita a um falante.

O autor menciona a importância de dados reais, no caso, na língua Portuguesa, e estes foram apresentados, no presente estudo, através de exemplos dos autores pesquisados e citados. Quando da apresentação de dados na língua Portuguesa, os autores trataram cada aspecto com riqueza de exemplos. Não se pode, porém, dizer o mesmo quando se apresentam dados e estudo referentes à língua Alemã, uma vez que a mesma traz em sua construção de nasalização apenas uma ‘imitação’, principalmente da língua Francesa, segundo o esclarece Welker (1998). Para reforçar este aspecto, vale mencionar novamente Cagliari (2002):

A homogeneidade do sistema depende muito de fatores históricos, geográficos e sociais. Em certas comunidades, mais do que em outras, as diferenças de idade também podem revelar grandes diferenças de pronúncia entre os falantes.

Analisando as entrevistas realizadas com falantes de Blumenau/SC, pude observar que esse fato histórico da imigração é relevante, por todo o processo de adaptação a que estas pessoas foram submetidas: novas terras, novas pessoas, nova gastronomia, novos costumes, **nova língua**. A complementação dos dados obtidos mostra os seguintes resultados: 21% dos homens realizam mais “oN” em contraposição aos 15% das mulheres. O resultado quanto à escolaridade mostrou que os que freqüentaram o Primário e que realizam “oN” são 11%, enquanto que os que freqüentaram o ginásio são 29% e os que freqüentaram o colegial são 7% a realizarem a variação na nasalização. Chego assim, à confirmação da evidência de uma “variação dialetal”, e que, segundo esclarece Cagliari (2002):

Variações dialetais podem chamar mais a atenção do que variações que ocorrem dentro do próprio sistema do falante. Estudar a pronúncia dos elementos nasais e nasalizados em Português é uma tarefa para especialista, uma vez que os falantes não tem consciência muito clara dos detalhes de sua própria pronúncia.

A variação poder ter um aspecto diacrônico (ao longo do tempo) ou sincrônico (em um determinado momento da história). Pode ter um aspecto geográfico: pessoas de lugares diferentes apresentam modos de falar diferentes. Pode, ainda, ter um aspecto social: pessoas de classes sociais

diferentes costumam apresentar modos de falar diferentes. O mesmo pode ser encontrado entre pessoas de sexos diferentes (principalmente em certas comunidades).

Com certeza, o estudo da pronúncia dos elementos nasais merece especial atenção e um maior aprofundamento de seus detalhes. Não desmerecendo tal atenção e tendo realizado o estudo de nasais na língua Portuguesa, na língua Alemã e apresentados exemplos de variação de “ão” para “oN” entre seus falantes, considero que os objetivos propostos foram alcançados. Ademais, não se pode esquecer que, conforme informa Cagliari (2002):

Pessoas de grupos étnicos diferentes (emigrantes, por exemplo) também costumam apresentar características próprias (sotaques).

E é o que vem sendo apresentado durante o desenvolvimento deste trabalho. Realmente, é algo curioso de se perceber, em grupos de imigrantes da língua Alemã, o seu esforço em reproduzir um som que não lhes é familiar, mas sim muito estranho, pois o mesmo não faz parte dos fonemas vocálicos de sua língua materna. Para reforçar o que foi apresentado até o momento, Cagliari fornece uma tabela (p.115):

Variação			
Diacrônica		Sincrônica	
Histórica	Geográfica	Social	Individual
-époocas diferentes -idades diferentes	-lugares diferentes	-sexos diferentes -classes sociais dif. -grupos étnicos dif.	-dif.velocidades de fala -diferentes estilos -dif. situações emocionais

É preciso considerar o esforço que empreendem em tentar reproduzir estes sons. Tal variação, denominada também de dialetal, não compromete ‘fonologicamente’ e semanticamente a comunicação. O que não pode ser esquecido e deve ser considerado relevante, é o aspecto emocional de constrangimento sofrido pelos falantes, uma vez que emitem um som que é estranho aos falantes/ouvintes nativos da língua Portuguesa e por isso tal manifestação é muitas vezes motivo de ridicularização por parte destes ouvintes.

A problemática, enfim, está em torno de uma deficiência da própria “estrutura fonêmica” da língua alemã, que não faz uso de tal som. Somam-se a esta problemática também o fato histórico e sincrônico da imigração e o contato com uma língua que se origina do latim, portanto dum ramo muito distinto do alemão. Somam-se ainda, aspectos culturais e sociais, tais como o nível de escolaridade, sexo, profissão, etc. que fazem assim, reconhecer a importância deste estudo.

Detenho-me a refletir sobre a frase enunciadora da Introdução, “a leitura do mundo precede a leitura da palavra” e constato que Paulo Freire conseguiu resumir em apenas algumas palavras, sem que fosse sua intenção, o que vem sendo pesquisado e estudado no desenrolar deste trabalho. Isto é, conforme Cagliari declara, necessário se faz levar em consideração aspectos de geografia, história, costumes, estruturas fonológicas pertinentes à cada língua, sexo, origem, cultura e demais fatores para que se consiga fazer uma boa “leitura” da palavra, no caso, do *ditongo nasalizado*.

5. Referências bibliográficas

- BISOL, L. (org) 1999. Introdução a estudos de Fonologia do Português Brasileiro. Edipucrs: Porto Alegre.
- BUßMANN, H. 2002. *Lexikon der Sprach-wissenschaft*. Kröner: Alemanha.
- CAGLIARI, L.C. 2002. *Análise Fonológica*. Mercado de Letras: Campinas.
- CAMARA JR.,J.M. 1997. *Problemas de Lingüística Descritiva*. Ed. Vozes: Rio de Janeiro.
- EICKHOFF, B. et alli. 2002. *DUDEN – Deutsch als Fremdsprache*. Bibliographisches Institut & F.A BrockhausAG: Manheim.
- EISENBERG, P. et alii. 1998. *Duden: die Grammatik*. Dudenverlag: Alemanha.
- FIORIN, J.L. (org) 2003. *Introdução à Lingüística II: princípios de análise*. Ed. Contexto: São Paulo.
- IRMEN, F. et alli.1999. *Langenscheidts Taschenwörterbuch: Portugiesisch*. Langenscheidt: Berlin.
- SILVA, T. C. 1999. *Fonética e Fonologia do Portugues*. Ed. Contexto: São Paulo.
- SILVEIRA,R. C. P. da. 1982. *Estudos de Fonética do Idioma Portugues*. Cotez Editora:São Paulo.
- WELKER, H. A. 1998. *Gramática Alemã*. Edunb: Brasília.

Entrevistas fornecidas pelo VARSUL

6. Anexos

APARELHO FONADOR (Artikulationsorgane – *órgãos de articulação*)

Vordergaumen (harter Gaumen) – *palato duro*

Zahndamm – *barreira de dentes*

Obere Schneidezähne – *dentes superiores*

Vordezunge – *parte anterior da língua*

Lippen – *lábios*

Zungespitze – *ponta da língua*

Untere Schneidezähne – *dentes inferiores*

Kehlkopf –

Stimm lippen mit Stimmritze – *glote*

Nasenraum – *cavidade nasal*

Mundraum – *cavidade bucal*

Zunge – *língua*

Hintergaumen (Gaumsegel, weicher Gaumen) – *palato mole*

Zäpchen – *úvula*

Zungenrücken – *parte posterior da língua*

Rachen – *goela*

Luftröhre – *laringe*
Speiseröhre - *faringe*

Artikulationsorgane mit Vokalviereck im Mundraum
(Localização do Trapézio de Vogais pelos órgãos de articulação na cavidade bucal)

Zungenstellung für [] – *posição da língua para []*

Geschlossen – *fechado*

Halbgeschlossen – *meio-fechado*

Halboffen – *meio-aberto*

Offen – *aberto*

Vorn – *anterior*

Zentral – *central*

Hinten - *posterior*